

O PT e seus demônios

POLÍTICA Em seu V Congresso, o partido busca encontrar um novo sentido e uma saída para a crise

POR MIGUEL MARTINS



FREUDEXPlica. Sem uma avaliação racional de seus dilemas, o Partido dos Trabalhadores tenta explicar a maior crise de sua história por meio de imagens bíblicas. Às vésperas do V Congresso, realizado em Salvador entre os dias 11 e 14, as declarações da sigla criada há 35 anos apegaram-se ainda mais aos personagens religiosos. Segun-

do Rui Falcão, presidente da legenda, o ex-presidente Lula, o governo e o partido formariam a "santíssima trindade". Já a presidenta Dilma Rousseff implorou para o seu ministro da Fazenda, Joaquim Levy, não ser tratado como Judas. Este, segundo o vice-presidente da República, Michel Temer, o único não petista do enredo, estaria mais para Cristo. O próprio Levy se definiu como São Cristóvão, pa-

droeiro dos transportes, em referência ao pacote de concessões em infraestrutura anunciado na terça-feira 9.

Haja santo e haja Rivotril. No congresso, o debate sobre o futuro do partido periga ser ofuscado pelas rejeições ao ajuste fiscal. Cobrado pelos setores mais radicais do partido, Falcão teve de abandonar a defesa de sua doutrina trinitária. Em seu discurso de abertura no



encontro, o presidente do PT criticou o ajuste e defendeu que a conta recaia “sobre quem tem mais condições de arcar” com os custos. “É inconcebível, para nós, uma política econômica firme com os fracos e frouxa com os fortes.”

Dois meses antes do encontro, a tendência majoritária já criticava a política econômica. Publicado em abril, o caderno de teses do congresso apresentava a posição de seis correntes internas do PT. À época, a chapa O Partido Que Muda o Brasil, integrada por Falcão e Lula, lamentou o fato de o governo não ter consultado a sociedade sobre as medidas.

Temerosa das pedradas da militância, Dilma chegou a cancelar na terça 9 sua participação no encontro. Criticada pela base petista, voltou atrás e antecipou seu retorno de Bruxelas, onde encontrou líderes europeus, para participar do evento. Ainda na terça 9, o grupo majoritário, integrado por 429 dos 800 delegados do congresso, lançou a “Carta de Salvador” em substituição à contribuição anterior. O documento tratou de tirar a reponsabilidade de Levy sobre o recuo da atividade econômica, ao se voltar contra a alta taxa de juros. O documento pede ainda a volta da CPMF, o imposto do cheque, a taxação das grandes fortunas e a elevação do teto das alíquotas do Imposto de Renda.

Em aceno aos grupos mais à esquerda, a tendência majoritária defende na carta “a construção de uma frente democrática e popular de partidos e movimentos sociais”. Interlocutores do PT afirmam que, mesmo no grupo principal, há um desconforto latente em relação à política de alianças dos últimos anos. A frente tem o objetivo de reaproximar o partido dos diversos campos da esquerda, para projetar um palanque mais progressista em 2018.

O receio de o encontro se transformar em uma plataforma para o partido criti-

Sobram críticas ao governo Dilma, firme com os fracos, frouxo com os fortes

car Levy não se restringe às tradicionais lideranças petistas. A juventude militante não quer que a situação crítica do governo ofusque a necessidade de se discutir mudanças profundas na legenda. Um grupo de 200 integrantes, com idades entre 30 e 35 anos, assinou o manifesto “O PT não matará o petismo”, segundo o qual o partido não parece “estar à altura de acompanhar as mudanças da sociedade que ele próprio ajudou a transformar”.

O PT tem tido dificuldade em atrair quadros jovens. Segundo um levantamento interno de 2014, o partido não registrou nenhum jovem de 16 a 18 anos em suas fileiras no ano passado. Louise Caroline, de 32 anos, delegada da corrente Mensagem ao Partido, segunda força da sigla com 164 representantes no congresso, argumenta que o manifesto expõe esse conflito geracional. “O petismo, que extrapola a legenda e chega aos mo-

vimentos sociais, está no limite da paciência”, afirma. “O PT se encastelou e tem tido enorme dificuldade de dialogar com os movimentos sociais.”

A Mensagem ao Partido propôs a realização de um novo encontro em novembro para debater propostas, entre elas a escolha de uma nova direção, o fim da eleição direta interna e a extinção do posto de tesoureiro. O objetivo seria delegar a função a uma gestão coletiva e evitar novos escândalos como o “mensalão” e a Lava Jato. A proposta é apoiada por mais da metade da bancada petista na Câmara, que também criticou os rumos do governo e do partido no manifesto “Mudar o PT para continuar mudando o Brasil”, assinado por 33 parlamentares na quinta 11.

Tradicional bandeira petista para combater a corrupção, o veto às doações empresariais, aprovada em uma resolução interna de abril passado, não será referendada no encontro. Independentemente da apreciação do tema no Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal, a legenda havia estabelecido o fim das contribuições de empresas aos diretórios da legenda e limitava apenas aos candidatos o recebimento dessas.

Recentemente, a Câmara dos Deputados aprovou o contrário: veto de contribuições empresariais a candidatos, mas não a partidos. Na teoria, o PT continua a defender uma Constituinte exclusiva para debater a reforma política e o financiamento de campanhas. Na prática, aguarda os desdobramentos no Congresso e no STF. No discurso de abertura do encontro, Falcão afirmou que a decisão final deve ser tomada na próxima reunião do Diretório Nacional.

A divisão interna, as relações tensas com o governo e a indecisão sobre o futuro são as chagas do PT. Por ora, nada de “santíssima trindade”. •